

LÍNGUA E IDENTIDADE: O ÍDICHE E O HEBRAICO NO CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO JUDAICA NO BRASIL.

LANGUAGE AND IDENTITY: YIDDISH AND HEBREW IN THE HISTORICAL CONTEXT OF JEWISH EDUCATION IN BRAZIL.

Esther Szuchman¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo permear as políticas linguísticas adotadas nas primeiras escolas judaicas com a vinda dos primeiros imigrantes ao Brasil após o grande surto migratório proveniente da Europa Oriental ao Ocidente no século XIX.

Em nossa retrospectiva histórica sobre a educação judaica no Brasil, visando permear as duas correntes político-ideológicas, a hebraísta e a iidichista, utilizaremos como fonte de conhecimento a imprensa judaica que tem sido um fator importante para o conhecimento da história mais recente da imigração judaica do século XX.

No Brasil, entre os anos de 1914 e 1933, presenciamos a formação das instituições comunitárias com o término da guerra e a necessidade crescente dos imigrantes de criar raízes em terra brasileiras. Sinagogas, bibliotecas, instituições de amparo ao imigrante, juntamente com uma imprensa e escolas judaicas surgem no Rio de Janeiro, em São Paulo e Porto Alegre. Nesta última cidade é publicado por Joseph Halevi, em 1915, o primeiro jornal judaico no Brasil, em língua ídiche. Chamava-se “Das Menscheit”, “A Humanidade”.

Neste artigo, marcaremos o lugar da língua ídiche no universo ashkenazita como língua de identidade cultural e o Hebraico como língua nacional, predominantemente após o renascimento nacional judaico e a criação do Estado de Israel. Passando pela tensão que se estabeleceu entre as diversas correntes linguísticas entre os iidichistas e os hebraístas, representantes de

¹ Doutora pela USP - Departamento de Língua, Cultura e Literatura Judaicas. Professora de Língua Hebraica.
ety@terra.com.br

diferentes correntes nacionalistas judaicas e suas ideologias marcaremos a função da língua hebraica no atual contexto social histórico contemporâneo.

Palavras-Chave:

O lídiche e o Hebraico, educação judaica, escolas judaicas.

Abstract:

This work aims to investigate the linguistic policies adopted in the first Jewish schools with the arrival of the first Jewish immigrants to Brazil after the great migration wave from Eastern Europe to the west in the XIXth century. In our historical retrospective on Jewish education in Brazil, aiming to investigate the two political-ideological currents, one based on the Hebrew language and the other based on the Yiddish language, we will use the Jewish press, which has been an important factor for the knowledge of the most recent history of the Jewish immigration of the XXth century, as our knowledge source.

In Brazil, between the years of 1914 and 1933 we witness the formation of community institutions with the end of the war and the increasing need of the immigrants to create Brazilian roots in the new country. Synagogues, libraries, institutions of support to the immigrant, along with a Jewish press and Jewish schools emerge in Rio de Janeiro, in São Paulo and Porto Alegre. In this last city, Joseph Halevi publishes in 1915, the first Jewish newspaper in Brazil, in Yiddish. It was called "*Das Menschheit*", "*The Humanity*".

In this article, we will mark the place of the Yiddish Language in the Ashkenazy universe as a language of cultural identity and the Hebrew as the national language, predominantly after the Jewish national renaissance and the creation of the State of Israel. Examining the tension that existed between the diverse linguistic currents among the Yiddish and the Hebrew proponents, representatives of the different Jewish nationalistic currents and their ideologies, we will delineate the role of the Hebrew language in the current social historical context.

Keywords:

Yiddish and Hebrew, Jewish education, Jewish schools.

Por causa de quatro coisas os Judeus foram resgatados do cativeiro do Egito: por não mudarem seus nomes, por não mudarem sua língua, por não revelarem seus mistérios, e não repudiarem a circuncisão. (SIVAN, 1970, p. 33)

Historiadores como Cecil Roth (1962) Falbel (1984) e Nachbin, Jacob (1929) comprovam em seus livros a presença de judeus assumidos de origem portuguesa e de cristãos-novos desde a época do descobrimento do Brasil e entendem que as bases da atual comunidade judaica no Brasil foram lançadas, efetivamente, depois de 1822, quando o Brasil se tornou independente de Portugal e a imigração fez-se sem maiores restrições. (FALBEL, 1984, p.67).

O grande surto imigratório proveniente da Europa Oriental para a Ocidental, para a América do Norte e para os países latino-americanos, no entanto, começaria somente a partir dos anos 1880 e 1890. Esse processo imigratório, considerado o maior no plano universal da história dos judeus, provocou o deslocamento de milhões de judeus ashkenazitas² que viviam na chamada Zona de residência do Império Czarista (caracterizada por uma grande concentração populacional sem meios favoráveis de subsistência). Esse período coincide com a intensificação dos *pogroms* contra os judeus em Balta (1882), Starodub, Odessa e Kiev (1891), Bialystok (1904), Minsk e Lodz (1905), entre outras localidades, somando um total de 284 cidades ucranianas, polonesas e russas num período de quatro anos (cf. Falbel, 1984, p. 37; Gutfreind, 2004, p. 28).

² Os ashkenazitas são originalmente judeus de ascendência alemã. O nome bíblico Ashkenaz (Gênesis, 10:3; Cr. 1:6; Jer. 51:27) era tido na Idade Média como referente à Alemanha. Como a maioria dos judeus de países cristãos da Europa Ocidental, Central e Oriental da Idade Média aos tempos modernos, eram culturalmente e demograficamente descendentes dos judeus franco-alemães, o termo ashkenazita veio a ser aplicado a todos eles. O complexo cultural ashkenazita envolve o uso de diferentes dialetos da língua lídiche como língua franca judaica, distintos rituais, costumes, liturgia, arquitetura sinagoga, método de estudo e pronúncia do hebraico, os quais diferenciam os ashkenazitas de seus correligionários sefaraditas e das comunidades judaicas orientais, mizrahim.

Em 1891 é criada a Jewish Colonization Association³ (ICA ou JCA) pelo Barão Maurício de Hirsch e outros associados com o objetivo de fixar colônias agrícolas no Novo Mundo como o melhor caminho para a salvação daquela massa humana que vivia na mais extrema miséria. Cabe lembrar, no entanto, que já nas últimas duas décadas do século XIX havia uma imigração da Europa Oriental proveniente principalmente da Rússia de forma isolada e individual. Essas famílias se instalaram principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Franca-SP, Curitiba e Porto Alegre.

Acontecimentos internacionais como a eclosão da I e II Guerra Mundial também contribuíram para o deslocamento de imigrantes para os Estados Unidos, Canadá e América do Sul. Entre os anos de 1904 e 1918, a vida judaica na Rússia foi totalmente abalada. O exército alemão destruiu aldeias, vilarejos e guetos inteiros. Centenas de milhares de judeus askenazitas foram deslocados, desarraigados de sua permanência centenária, secular, tradicional dos *shtetels* (aldeias) e de sua língua, o lídiche. (cf. FALBEL, 1998, p. 15).

O lídiche tem sido historicamente a língua dos ashkenazitas e seus descendentes na diáspora. Max Weinreich, estudioso do lídiche, a define como uma língua híbrida que contém elementos do Germânico, Eslavo, Semítico e outras línguas⁴: “uma fusão de línguas” (Weinreich, 1980, p. 34). A maioria dos linguistas concorda que, em sua essência, o lídiche é uma língua germânica ocidental.

A palavra íídiche, em íídiche, significa simplesmente judeu. No passado, várias designações foram usadas para enfatizar a estreita relação entre o Alemão e o lídiche⁵. A língua íídiche é também referida pelo seu termo derogatório original “jargão”, *jargon* ou, às vezes, em seu sentido mais

³ Referimo-nos à associação de caráter filantrópico criada em 24 de agosto de 1891, em Londres, doada quase que exclusivamente pelo Barão Maurice de Hirsch com o objetivo de assentar judeus em colônias agrícolas e ajudá-los em sua emancipação econômica em diversos territórios da América do Norte e do Sul, bem como em outros lugares.

⁴ Como exemplo da mistura de seus componentes, Weinreich, M. (1980) traz o seguinte exemplo: Der zeyde hot gebentsht khanike likht – O vovô acendeu as velas de Chanuka. A gramática básica é alemã, assim como atestam as palavras “der” e “hot”, o passado simples marcado pelo “ge - e - t”, e a palavra likht. Zeyde é eslavo, khanike é semítico e bentsh é um componente do Romance. Sentenças como essas são comuns em íídiche.

⁵ O juedisch – deustch, isto é, o “judeu – alemão”, nome que se alterou para idische-taitsch “íídiche-alemão”, sobreviveu ao lídiche moderno com o verbo fartaytshn (que também significa interpretação em lídiche).

sentimental afetivo de *mame-loshn*, “língua materna”, em contraste com a efetivamente chamada “língua sagrada”, *Loshn Koidesh* (termo do hebraico-aramaico).

O lídiche, ao que tudo indica, originou-se nas áreas fronteiras franco-germânicas por volta do século X e XI (GUINSBURG, 2004). Judeus vindos principalmente da Itália e de outros países românicos adotaram o idioma local, ou seja, o alto alemão, em sua passagem do período antigo para o médio. Conforme Guinsburg,

Misturando-se desde logo, com elementos do laaz⁶, correlativo judaico em francês e italiano arcaicos⁷, com a terminologia litúrgica, ritual, comercial e institucional do hebraico-aramaico, isto é, o chamado lashon-kodesh, em lídiche, loschen koidesh (“língua sagrada”), com palavras hebraico-aramaicas⁸ ligadas à atividade diária e eufemismos destinados a ocultar ao não judeu o significado dos termos, começaram a desenvolver juedisch-deutsch, isto é, “judeu-alemão” (GUINSBURG, 2004, p. 145).

Com as perseguições sofridas no curso do Medieval, sucessivas ondas de judeus *ashkenazitas* emigraram em massa para o leste da Europa e também para outras áreas, levando o seu dialeto como uma comunicação intragrupal, usado de forma generalizada em todas as esferas de comunicação da vida coletiva (GUINSBURG, 2004).

A língua iídiche, até a segunda metade do século XIX, era vista como um “jargão” mesmo por aqueles que a empregavam não somente para a comunicação oral. Dada a sua flexibilidade e permeabilidade às influências

⁶ Laaz ou, como pretende Weinreich, “Loez”, língua estrangeira “não hebraica” ou língua de um povo estrangeiro. Designação que se estendeu às glosas e glossários em vernáculos, sobretudo, românicos escritos em caracteres hebraicos de que se serviam os comentaristas judeus na Idade Média e que constituíram o início de adaptação do alfabeto hebraico ao lídiche (vocalização, ditongos).

⁷ O Francês e o Italiano antigos desempenharam também papel relevante entre os constituintes do lídiche. Seus vestígios persistem em palavras como aiker – alcove, aimer – armoire, bentschen – benés. E em nomes próprios como Schnoier – Senior, Bunem – Bonhomme, Schprintze – Esperanza.

⁸ Hebraísmos como *Din* (“juízo”); *kasher*, em lídiche, *kosher* (“ritualmente puro”); *lom – Tov*, em iídiche, *lontev* (“dia de festa”); *Gan Eden*, em lídiche, *Gan-Eiden* (“jardim do paraíso”); *Torá*, em lídiche, *Toire* (“Lei”, “Ensino”); bem como aramaísmos, isto é, os dois constituintes linguísticos semíticos do que é efetivamente chamada “língua sagrada” figuram certamente entre os primeiros componentes do lídiche. Posteriormente, com o *Hassidismo* em particular, a participação dos hebraísmos e dos aramaísmos do discurso religioso aumentou consideravelmente no vocabulário lídiche.

locais, sem qualquer disciplina gramatical mais definida de “língua” deixada ao sabor da “fala”, tendia a regionalizar-se com grande facilidade e, portanto, desenvolveu já no século XVIII, segundo Guinsburg, dois grupos dialetais no quadro da Europa Oriental: “o do Norte, centrado na Lituânia, e o do Sul, que abrangia a Polônia com forte peculiaridade, a Ucrânia e a Romênia”. (GUINSBURG, 2004, p. 145). Esses dialetos correspondem a fronteiras históricas e não devem ser confundidos com o atual mapa político geográfico dessas regiões.

Diferentemente de Mendelsson e seus seguidores na Europa Central que julgavam, para seus ideais de modernização, eliminar “o jargão” como barbarismo linguístico e cultivar o Hebraico e o idioma oficial do país em que os judeus habitavam, foi no Leste europeu com o movimento da ilustração judaica na Rússia que se começou a escrever em “jargão”. A princípio por razões propagandistas, e mais tarde por razões ideológico-políticas, uma vez que o iídiche se tornara o veículo de entendimento coletivo entre os judeus. A partir daí desenvolveu-se uma vasta produção literária nos estados da Europa Oriental por socialistas populistas, “nacionalistas da Galut” (diáspora) que viram no iídiche uma manifestação própria dos judeus – uma espécie de segunda língua nacional do povo judeu, como foi manifestada na Conferência de Tchernovitz em 1908. É importante aqui enfatizar que na nova reforma cultural judaica secular perpetuada na Rússia e na Ucrânia havia dois campos opostos de judeus intelectuais e ativistas nacionalistas políticos (um voltado a preponderância da língua hebraica e o outro ao predomínio da língua iídiche) divisores entre os nacionalismos sionista e da diáspora judaica (cf. Kenneth B. Moss, 2012).

O vigor no iídichismo e a vasta produção literária somada ao incremento dos meios de comunicação aceleraram o processo de normatização e consolidação linguística, servindo-se dos recursos da ciência moderna. Este desenvolvimento prosseguiu até a Segunda Guerra Mundial, quando foram erradicadas as raízes mais profundas do iídiche com a barbárie institucionalizada pelo Estado alemão: o holocausto.

Já a chamada imigração sefaradita de fala espanhola ou de fala de dialetos ladinos ou ibéricos, da África do Norte, da Turquia, da Grécia, que

constitui outro segmento da imigração, teve a sua imprensa escrita em português. Cabe lembrar que, com a expulsão dos judeus da Espanha (1492), produziu-se a conhecida Diáspora Sefaradita, que impulsionou milhares de judeus e cristãos novos a buscar refúgio em terras onde pudessem se estabelecer e praticar livremente sua religião. Perseguidos pela Inquisição e pelas leis racistas instituídas pelos Estatutos de “Pureza de Sangue” vigentes em todos os domínios ibéricos desde o século XV, os sefaraditas se espalharam pelo Norte da África, Império Otomano, parte da América do Sul, Brasil, Argentina, Itália, Holanda, Grécia e Turquia. Levaram consigo uma cultura judaica altamente desenvolvida, bem como seus costumes, liturgia, tradições musicais e sua língua latina com novo rumo evolutivo.

Segundo Penny (1992), o Ladino, língua atribuída aos judeus originários da Espanha, floresceu no Império Otomano, após a expulsão dos judeus da Espanha. Os sefaraditas acrescentaram ao romance ibérico da Espanha Cristã Medieval palavras portuguesas, árabes, turcas e hebraicas, além de neologismos, usando para a escrita o alfabeto hebraico. Conservaram, todavia, estreita identidade com o Espanhol e o Português. A partir de 1916, foi publicado no Rio de Janeiro em português o primeiro periódico judaico pelo professor David José Perez⁹, *A Coluna*, com o subtítulo *Haamud* (do hebraico: a coluna). E em Belém do Pará, em 1918, o major Eliezer Levi¹⁰ publicou o jornal *Kol Israel, A voz de Israel*.

Com o programa da Colonização da ICA no Rio Grande do Sul, dezenas de famílias se estabelecerem nas colônias agrícolas de Philippon e Quatro Irmãos, onde mais tarde desenvolveram uma sólida vida comunitária no Estado. Dessa forma, coube a JCA dar início, em 1904, à criação da primeira escola judaica no Brasil, como resultado da preocupação dos colonos de

⁹ David José Perez (1883-1970) - Personalidade multifacetada e rica permeada por uma múltipla atuação como jornalista, advogado, escritor, professor ativista comunitário e intelectual. Foi criador do primeiro periódico judaico no Brasil em língua portuguesa, o mensário *A Columna* estendendo sua atividade na divulgação da comunidade judaica brasileira, até então, pouco conhecida na sociedade brasileira. Teve um papel central na criação da primeira escola judaica do Rio de Janeiro denominada Maguen David e na estruturação do movimento sionista no Brasil juntamente com Mauricio Klabin e Jacob Shnaider.

¹⁰ Major Eliezer Levy, sionista convicto, havia fundado em 1918 a organização sionista *Ahavat Zion*, em Belém do Pará, e em 8 de dezembro do mesmo ano deu início à publicação do periódico com o título de *Kol Israel*. Eliezer Levy teve no ano de 1919 um papel de destaque na educação judaica ao criar o Externato Misto Dr. Weizmann.

transmitirem aos seus filhos o conhecimento necessário da língua de seus pais, e também da tradição de seus antepassados.

No livro de memórias de Frida Alexander (1967) encontramos depoimentos sobre as aulas de ídiche e hebraico que ali eram ministradas. Segundo esta autora, inicialmente as aulas eram dadas em um anexo do shill (sinagoga) pelo Rebe Abrão Waissman, no estilo do Beit Midrash europeu. Mais tarde, no entanto, com a vinda do eminente pedagogo Léon Back¹¹, em 1908 e do professor Israel Becker, criou-se um programa mais completo na escola, reconhecida e supervisionada pelos órgãos educacionais do Estado (cf. Alexander, Frida, p. 31-37). Ao que tudo indica, a orientação da escola, imprimida pela JCA, era de uma instituição que pudesse facilitar a adaptação dos colonos ao novo país e com padrões do mundo ocidental, afastando-se da mentalidade do *shtetel*, típico da Europa Oriental.

Segundo depoimentos do professor Jacob Levin, professor nos núcleos colonizadores de Quatro Irmãos, e que, mais tarde, tornou-se um dos educadores da Escola *Talmud Thorá* de São Paulo, em 1935 formaram-se escolas nos núcleos de Barão Hirsch, Baronesa Clara e Pampa. A partir de 1929, o professor Levin, além de lecionar matérias judaicas (Ídiche, Hebraico, História Judaica, *Tanach*), ficou com a função de supervisor das escolas nessas colônias (cf. FALBEL, 1984, p. 122). Entendemos que essas escolas certamente serviram de incubadoras para a formação de professores de outras escolas em outras cidades do Brasil.

As escolas judaicas tiveram, desde sua criação pela JCA, total apoio, tanto financeiro como espiritual, do seu representante no Brasil, o Dr. Isaias Raffalovich¹², rabino-mor do Rio de Janeiro que chegou a essa cidade em

¹¹ Léon Back atuou como professor e subdiretor da École Horticole et Professionnelle du Plessis - Piquet nos arredores de Paris. Léon Back instalou ali uma escola mista (Cf. Enciclopédia Rio Grandense, volume 5).

¹² Raffalovich nasceu em 1870 em Bogopol, uma pequena cidade da Podolia. Em 1882 seus pais emigraram a Eretz Israel devido à onda de pogroms que se sucederam um ano antes do assassinato do Czar Alexandre II e que provocou uma emigração em massa da Rússia Czarista em direção ao Ocidente. Em Eretz Israel, em Jerusalém, juntamente com seu irmão estudou em Yeshivot (escolas talmúdicas) sob a orientação de professores de fama reconhecida por sua erudição rabínica. Envolvido com o projeto de Colonização Judaica durante o governo turco, uniu-se ao movimento Chovevei Tsion, participando na divulgação dos resultados dessa colonização no terceiro Congresso Sionista na Basileia, realizado em 1899. Após concluir sua *smichut* (título de autoridade rabínica) em Manchester, na Inglaterra,

1923. Personalidade de sólida e erudita formação judaica, ele exerceu um papel fundamental na formação das instituições de ajuda ao imigrante, bem como na formação da rede escolar judaica no Brasil: "sua atividade itinerante pelo vasto território brasileiro acabaria por ter um resultado surpreendente na criação de novas escolas" (FALBEL, 2008, p. 339). Em seus relatos, no livro *Tziunim vê Tamrurim*, ele aborda aspectos relativos à formação e à orientação dada às escolas da época. Em particular, traz depoimentos concernentes à introdução do estudo do hebraico, ao lado da língua iídiche, sendo por isso muito atacado pelos iidichistas. Em suas conferências ele expressava seu receio à assimilação e via a educação como uma forma de se contrapor a esse processo.

Políticas linguísticas na educação judaica no Brasil: dissensões entre as correntes hebraísta e iidichista

Na década de 20 é quando efetivamente criaram-se “escolas”¹³ assim como as que conhecemos hoje em dia, com um programa secular inspirado nos modelos europeus do Cysho¹⁴ e do Tarbut¹⁵, sendo esta última corrente plenamente identificada com os ideais sionistas e tendo como norma fundamental o ensino da língua e cultura hebraica. Cabe lembrar que o 1º Congresso Sionista no Brasil (1922) dedicou uma parte de sua pauta à questão

passou a atuar em instituições para dar assistência aos imigrantes judeus que passavam pela Europa a caminho da América, especialmente a partir de 1905.

¹³ As referências sobre as primeiras escolas também chamadas de Talmud Torá encontramos nos artigos “Subsídios a história da Educação judaica no Brasil” (Falbel, N.) In: “Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil”, Fiesp, São Paulo, 1984, pp. 119-130. No arquivo de David Perez encontra-se a referência sobre a fundação da escola Talmud Torá de São Paulo, fundada em 25 de fevereiro de 1916.

¹⁴ Cysho – Central Yiddish School Organization. Referimo-nos às escolas judaicas na Polônia do início do século XX de orientação laica e antissionista que introduziram o socialismo e cultivavam o iídiche como língua de expressão cultural no universo judaico. Era formado principalmente por judeus da classe alta que não mais se identificavam com o estilo de vida tradicional judaico de seus pais calcado na religião.

¹⁵ Tarbut – do hebraico “Cultura”. Referimo-nos à rede de escolas de orientação sionista também na Polônia. Diferentemente do Cysho, identificavam-se plenamente com os ideais sionistas e privilegiavam essencialmente a língua e a cultura hebraica em sua educação. Era formado também por judeus seculares que se foram aculturando e se afastando da forma tradicional de prática judaica religiosa.

da educação judaica no Brasil. O Sr. Saadia Lozinski¹⁶, que foi um dos primeiros professores no Brasil (professor no Maguen David), se posicionou a favor de uma educação tradicional e tendo o hebraico como língua reconhecida nos estudos judaicos. Ainda sob essa perspectiva, o senhor Stolzenberg apresenta a seguinte resolução: “*Uma vez que a questão da educação judaica é uma das mais importantes no Brasil, resolve o Congresso Sionista recomendar à comunidade judaica – brasileira criar escolas, onde além de uma cultura universal, recebam as crianças judias uma educação moderna nacional – hebraica e religiosa*”. (FALBEL, 1984, p. 103-105). Para o Sr. Gewertz, por outro lado, a criança judia necessita de meios para se ligar e se unir com o judaísmo, e isto só poderia ser alcançado através da língua ídiche. A religião, segundo Gewertz, não tem mais lugar na educação. “*Ídiche e educação radical são os elementos fundamentais na formação da criança israelita*”. (FALBEL, 1984: 104). Mesmo tendo outros oradores que se manifestaram a favor do ídiche como um elemento da educação nacional judaica, a maioria dos congressistas apóia a resolução para que sejam implementados esforços em relação ao Hebraico, a língua nacional de todos os judeus, em todas as gerações.

Nas comunidades maiores do Rio, São Paulo e Porto Alegre fundaram-se escolas judaicas, em sua maioria, de orientação laicista. Em São Paulo, a primeira escola a ser fundada foi Thalmud Torah em 1916, denominada, no jornal *A Coluna*, de Bet-Sefer - Yvri¹⁷, sendo seu professor de hebraico Júlio Itkis. Segundo relato de Max Fineberg em *A Coluna* de agosto de 1916: “*O Thalmud Thorá, recentemente fundado, vai prestando inestimável serviço de instruir os filhos de nossos correligionários na língua dos profetas e educá-los propriamente para que sejam tão bons israelitas como brasileiros*”. A escola Maguen David do Rio de Janeiro (mais tarde chamada Colégio Hebreu

¹⁶ Um dos primeiros professores na cidade do Rio de Janeiro. Pedagogo de erudita formação judaica. Viera da Holanda e era um sionista convicto. Em 1922 quando se formou a Federação Sionista do Brasil foi seu primeiro vice-presidente. Foi, também, diretor da Escola Sholem Aleichem no Rio durante muitos anos.

¹⁷ No número de maio de 1916 do *A Coluna* noticiava-se que no dia 25 de fevereiro próximo passado fundou-se na Capital de São Paulo, um Thalmud Thorá, o primeiro no Sul do Brasil de que temos notícia. A frequência em abril era de 23 alunos: 20 do sexo feminino e três do masculino.

Brasileiro) foi fundada em 1922 e o Prof. David José Perez¹⁸ foi convidado para dirigi-la. Ainda nesse ano foi fundado o Colégio Renascença (Hatchia) em São Paulo, no Bom Retiro, “que tinha uma visão pedagógica mais avançada e atrairia pela qualidade de seu ensino e de seu corpo docente, os filhos dos israelitas da nova imigração” (FALBEL, 1984, p. 114). Em 1925, no Rio de Janeiro, foram criados o Jardim de Infância e Escola da Associação Sholem Aleichem, que integrou em seu currículo o português e o hebraico, e o ensino do lídiche no Jardim de Infância. A criação desta escola se deveu ao fato de muitos pais não concordarem com a orientação pedagógica hebraísta da escola Maguen David, apoiada esta pelas organizações sionistas, conforme relatado no Semanário (cf. DIV¹⁹ de 31/7/25 e 28/8/1925).

Nessa época buscava-se “um equilíbrio entre o currículo hebraico e o lídiche, esta última, a língua do cotidiano entre os imigrantes da Europa Oriental” (cf. FALBEL, 2008, p. 311). Em 1928, o crescimento do Beit Sefer Ivri Brasilai (“*Maguen David*”), sob a direção do Professor Burlá, motivou uma mudança para um novo prédio. Nessa época começa-se a pensar no fortalecimento do ensino da língua lídiche conforme referências no Ídiche *Folksteitung*²⁰ de 3/2/1928. De fato, um verdadeiro movimento entre pais e professores iniciava-se para impor o lídiche como língua a ser estudada nas escolas e *com o mesmo peso e importância do Hebraico* (FALBEL, 2008, 342).

Em 1926, um grupo de ativistas do Poalei Sion abriu a primeira escola em Porto Alegre, denominada Ber Borocho, na linha do “*Idische - veltliche folks-schul*” – A escola secular - nacional judaica, seguindo a corrente do Cyscho europeu²¹. “*O programa da escola, fundada em 1927, estava assentado sobre*

¹⁸ Vide FALBEL, N. David Jose Pérez: uma biografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

¹⁹ Referimo-nos ao periódico da comunidade israelita do Rio de Janeiro criado por Aron Kaufman em 1923: *Dos Ídiche Vochenblat* (O Semanário Israelita). Esse periódico durou até 1927 e em suas páginas encontramos um retrato da vida dos judeus no Brasil tendo como redatores Jacob Nachbin e José Katz.

²⁰ Referimo-nos ao periódico criado por Joseph Halevy Di Yuidische Tzukunfut (O Futuro Israelita), em sua segunda tentativa jornalística após o encerramento do primeiro periódico em *Ídiche Di Menscheit*.

²¹ Tanto Raizman como A. Bergman vieram ao Brasil apoiados pela corrente da Cyscho dando sustentação ao movimento pró-Ídiche no Brasil, conforme se pode ver no número comemorativo do *Idische Presse*, p. 18-23, “*Di bevegung far idische in Brazil*” (o movimento pró-Ídiche no Brasil).

o Ídiche como língua de ensino, e o hebraico como língua para os estudos mais profundos, além do português, assim como era ensinado na escola oficial do país". (ibidem, 2008: 342).

Esse mesmo movimento levaria à criação de uma Escola Popular Judaica e Jardim de Infância no Meyer, no Rio de Janeiro, sob a orientação pedagógica do líder do Poalei Sion, Aron Bergman. Em artigo datado de 9/12/1927 no Brazilian Ídische Press (Imprensa Israelita Brasileira) publicou-se uma matéria sobre "*A Nazional - veltliche idische folks-schule un Kinderheim*" (A escola secular - nacional judaica e o lar da criança). Nesse artigo justificava-se a criação de tal escola devido ao fato de que na escola oficial centenas de crianças judias eram educadas em um ambiente onde prevalecia o espírito católico. Seguindo a mesma orientação idichista do Cyscho foram criadas, ainda, em Salvador, em 1925, a escola "Jacob Dinezon"; em Santos, em agosto de 1930, a escola "I.L.Perez" e em São Paulo, foi fundada a Sholem Aleichem em 1934²². (Falbel, 2008: 343).

Sabemos, porém, que as dissensões entre as duas correntes, a iidichista e a hebraísta, levaram, na época, ao fechamento de algumas escolas, entre elas a Ber Borochov de Porto Alegre e a I. L. Perez, de Santos, como relata I. Raizman em sua obra *Um quarto de século da imprensa judaica no Brasil*²³. Para ele, a divisão da escola de Porto Alegre foi de caráter ideológico e ele, iidichista por convicção, culpa injustamente os sionistas e a obstinação do professor Jacob Faingelernt, bem como a Raffalovich pelo ocorrido. Em outro artigo, sobre o histórico da escola de Santos, "O difícil começo" (*Di schvere atchile*), Raizman enfatiza o papel de Jacob Faingelernt como hebraísta que não dava importância ao ensino do ídiche, o que, segundo Falbel, não corresponde inteiramente à verdade. (Ibidem, 2008: 342).

Cabe lembrar que a ICA negou-se a subsidiar duas escolas em pequenas comunidades, fato que obrigou o rabino Raffalovich a recusar apoio

²² Vide sobre ela o artigo de Abraão Gitelman, "Uma escola Ídiche na São Paulo de trinta". In: Boletim informativo do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, ano III, número 17, outubro, 1999, p. 7-9.

²³ Referimo-nos à obra de Raizman – *A fertl yorhundert idische presse in Brazil*, ed. Muzeum le Omanut ha-Dfus. Safed: 1968, p. 184-5.

financeiro a algumas escolas, gerando por parte de seus dirigentes ataques pessoais à sua imagem. Um artigo escrito por Simon Ratholz, “*Der ICA forshteier un dos idische schul vezen in Brazil*” (O representante da ICA e a educação judaica no Brasil), demonstrou a fragilidade das acusações. Na publicação comemorativa dos dois anos de existência da escola “I.L.Perez” de Santos (1932) encontra-se uma carta aberta dirigida à diretoria central do Instituto Científico Judaico (YIWO) na Europa, na qual se acusa o rabino-mor representante do YIWO no Brasil como um “declarado inimigo de tudo que é judaico e secular em nossa comunidade”. Os ataques pessoais a Raffalovich se repetiram nos boletins de outras escolas afiliadas à mesma corrente (Ibidem, 2008: 343).

As divergências entre as duas correntes chegaram ao seu momento mais agudo entre os anos 20 e o início dos 30. Conforme encontramos no Boletim “*Undzer Schul*”, da escola Sholem Aleichem de São Paulo, junho de 1934, p. 5, intitulado “*In tzeichen fun kamf*” (Sob o signo da luta), o professor A. Aizengart, que já havia passado por várias escolas desde que desembarcara no Brasil, diz que “a escola deve estar orientada para as crianças em base moderno-progressista e não sob a nacionalista estreita, clerical-chauvinista concepção dos ativistas dos “presidentes” e “diretores” com o seu espírito reacionário, em todos os aspectos da educação escolar, e a tendência do profundo reacionarismo e obscuro clericalismo da ICA e seu representante Raffalovich” (Fundo 140 Abraham Gitelman, AHJB)²⁴.

Em outro artigo de autoria de Aharon Matz, um dos dirigentes da escola Sholem Aleichem do Rio, sob o título “*Farvos idische - veltliche shulen?*” (Por que escolas seculares judaicas?) publicado no boletim comemorativo da escola de Santos, apresenta-se a corrente escolar secular nacional-judaica como a melhor alternativa para a educação judaica. Em oposição, temos a escola religiosa *Talmud Torah*, que vivendo do passado da história judaica, “tira a criança do mundo que a envolve”, a escola hebraica que apesar de moderna,

²⁴ Era comum nos anos 30 entre os círculos de esquerda, a visão de que o Hebraico era uma língua sem futuro, clerical e de grupos assimilacionistas, o iídiche seria a língua que preservaria o jovem educando da assimilação e possibilitaria a herança cultural judaica acumulada através dos tempos.

“constrói uma muralha da China entre a criança e seus pais” educando para Eretz Israel (terra de Israel), para um futuro sem perspectiva de realizações, e a escola oficial brasileira, que ao contrário das duas anteriores – que afastam as crianças do meio no qual vivem – favorece a assimilação, com o propósito declarado de integrá-las à nação brasileira, aumentando o abismo que se cria entre a criança judia e seu lar, e eliminando qualquer vestígio de outra identidade (cf. FALBEL, 2008: 344). Segundo o autor Aharon Matz, somente a *idische - veltliche schul* é capaz de combater a assimilação e evitar o afastamento da criança do seu meio judaico.

De fato, devido às diferenças ideológicas, “na medida em que o esquerdismo se identificava com o Ídiche e assumia uma postura ideológica radical²⁵, em oposição ao Hebraico, a harmonia e a união comunitária se mostravam ameaçadas por divisões internas” (FALBEL, 2008, p. 346). Cogitava-se nessa ocasião a ideia de um encontro nacional de professores da corrente do Cysho e a criação de uma organização central das escolas seculares já existentes no país, com o objetivo de oficializar as duas correntes. Relacionavam-se, segundo o boletim da escola J. Dinezon “*Undzer Yovel*”, entre as escolas da corrente secular a da Bahia, a I.L. Perez de Santos, fundada em 1930, a Sholem Aleichem de São Paulo, fundada em 1934, a N. Sc. Anski de Nilópolis, fundada em 1928, a Mendele Mocher Sforim de Petrópolis, fundada em 1931, e a escola do Meyer, até o ano de 1933 sob a direção de L. Schmelzinger. (Ibidem, 2008, p. 345).

No final de 1928, Raffalovich, com o objetivo de evitar cisões e divisões internas que pudessem enfraquecer, em uma fase de ampliação, o número de escolas em diversos Estados, convoca todos os professores a um debate sobre a educação judaica e propõe realizar aulas e palestras sobre temas pedagógicos e técnicas de ensino. O “Congresso nacional sobre a educação judaica no Brasil”²⁶ realiza-se com a participação de cerca de 30 professores representantes de 15 colégios: São Paulo, Capital Federal, Campinas, Curitiba,

²⁵ Referimo-nos ao artigo de Aron Schenker “A necessidade de uma escola judaica”, reproduzido em seu livro *Vort un Tat* (Palavra e ação), ed. Ykuf, Rio de Janeiro, 1959, p. 133-135.

²⁶ Referência sobre o Congresso encontra-se no *Brazilianer Idische Press* (Rio de Janeiro) de 16/12/1927.

Recife, Bahia, Niterói, Natal, Belo Horizonte, Passo Fundo, Cruz Alta, Campos, Porto Alegre e Quatro Irmãos.

O propósito era a elaboração de um programa comum para o ensino das línguas Lídice, Hebraico e História judaica, incluindo cursos pedagógicos²⁷. O professor Moshe Weiner²⁸, da escola Renascença de São Paulo, foi eleito presidente desse encontro, composto de um grupo de 15 professores pertencentes ao partido Poalei Sion do total de 32 participantes. L. Schmelzinger, representante desse grupo, pregava, em sua concepção pedagógica, “total independência de ensino, o direito assegurado do Lídice e o caráter universal-popular do currículo” (FALBEL, 2008: 350). A corrente hebraísta era composta de 7 professores, sob a direção de I. Eidelman. Os demais 10 professores tinham uma posição mediadora entre ambos os grupos, fato que permitiu uma resolução igualitária para o ensino do Lídice e do Hebraico. Cabe citar que uma das consequências da realização desse congresso foi a criação de um centro de professores, com o apoio de Raffalovich e a presidência de I. Eidelman, com a finalidade de cuidar dos “interesses dos professores, do seu preparo pedagógico, e do nível e currículo escolar das instituições de ensino” (ibidem, 2008: 304).

A partir desse congresso algumas escolas se renovaram adotando uma pedagogia mais moderna e atualizada e atraindo um número cada vez maior de alunos, como foi o caso da Folks - Schul Scholem Aleichem no Rio de Janeiro, fundada em 1928, sob a orientação do conhecido pedagogo Eliezer Steinberg e da pedagoga Lea Zacher²⁹, vinda da Polônia com pedagogia moderna e atualizada.

²⁷ Esse encontro é lembrado por Jacob Nachbin em seu artigo “Der moderner idicher ishuv in Brazil”, publicado em setembro de 1930 no periódico Di Tzukunft, nos Estados Unidos. O centro da reunião foi o Colégio Hebreu Brasileiro, e as despesas pagas pela JCA, representada por I. Raffalovich.

²⁸ Moshe Weiner, pedagogo altamente capacitado, deu um impulso à escola Renascença fundada em 1922. Ao chegar ao Brasil, Moshe Weiner viveu inicialmente no Rio de Janeiro. Nessa cidade organizou no Centro Sionista cursos noturnos de hebraico, Lídice, *Tanach*, história judaica e estudos gerais. Em São Paulo no Renascença introduz o ensino da religião sob aspecto histórico, as festas e as línguas lídice e hebraico.

²⁹ Referência sobre ela, vide o IF de 10/04/1928. Lea Zacher nasceu em Kolomei, fez o ginásio na Galitzia e estudou em Viena. Lecionou na Galitzia Oriental como pedagoga e também era pianista.

Boa parte da rede atual de ensino escolar judaico no Brasil deve sua fundação aos esforços, incentivo e apoio do rabino Raffalovich. Ele viajava incessantemente com o objetivo de contatar as comunidades e de comprometer a liderança local em relação à ajuda da ICA na manutenção das escolas. Ao sair do Brasil em 1935, com destino a Eretz Israel, a rede escolar judaica contava com mais de 30 estabelecimentos de ensino fundados por ele e com o apoio financeiro da ICA.

Os imigrantes que chegaram ao Brasil no século XX, em sua maioria, judeus ashkenazitas, fugindo dos *pogroms* e do antissemitismo da Europa, preservaram nas escolas o ensino da língua de seus antepassados: o Hebraico, língua da *Torá* e das orações, “língua de prestígio”; e o lídiche, considerada uma segunda língua dos judeus, “língua do povo”. Fatores, entretanto, como o holocausto, o surgimento do Estado de Israel e a maior abertura da sociedade brasileira no período posterior à Segunda Guerra contribuíram de forma decisiva para o enfraquecimento do lídiche no Brasil.

Na Alemanha, o antissemitismo moderno, sustentado pelo conceito de superioridade da raça, culminou com o extermínio físico proposto por Hitler: a solução final, eliminando seis milhões de judeus até o final da segunda guerra mundial (1/3 do povo judeu) e impedindo que novas ondas de imigrantes vindas do universo ashkenazita pudessem perpetuar e/ou revitalizar a língua ídiche. Os netos desses imigrantes, muitos deles inseridos nas escolas judaicas atuais no Brasil, nunca chegaram a estudar o lídiche como matéria regular nas escolas, mesmo tendo sido essa a língua falada em suas casas pelos seus avôs ou familiares.

O acontecimento histórico que veio determinar a missão das escolas judaicas como uma *unidade* no Brasil e no mundo judaico como um todo, indubitavelmente, foi o surgimento do sentimento nacional judaico moderno: o “sionismo”, com a consequente criação do Estado de Israel em 1948. O Hebraico funcionou como um instrumento educacional de poder único: ajudou a formar a nova sociedade em Israel composta por imigrantes dos mais variados países. Seu triunfo deve-se em parte porque era o único meio comum igualmente sagrado para todos os imigrantes, e em parte porque era o veículo antigo de uma literatura clássica, nobre, cujos estratos têm influenciado as

raízes de todo o pensamento e imaginação europeus. *O hebraico se tornou um instrumento para aumentar a dignidade humana, um meio de recriar um grau mínimo de disciplina tanto da emoção como da razão* (cf. Berlim, 2005, p. 217).

Entre Israel e a Diáspora

Com a criação do Estado de Israel, o hebraico se tornou a língua nacional de um estado soberano, língua de produção literária filosófica, das ciências e da tecnologia de ponta. Espalhou-se pelo mundo judaico como a principal língua e, sobretudo, tornou-se a principal língua judaica a ser estudada nos programas educacionais judaicos, incluindo os Estudos Judaicos nas universidades e escolas. Desde então a língua hebraica passou a gozar de um status peculiar e exclusivo em todas as coletividades judaicas.

Em Israel, o Hebraico-israelense foi amplamente reconhecido pela sociedade como língua de prestígio, tornando-se sinônimo do “novo judeu”, cujo falar expressava a condição dos sabras³⁰, geração nascida em Israel, em oposição aos judeus da diáspora. Os sabras, na condição de judeus nascidos em Israel, sentiram-se à vontade em usar a língua hebraica à sua maneira, uma vez que para eles o Hebraico era a língua nacional – língua materna – desprovida do carisma de língua “sagrada-secularizada”.

Após 1945, encabeçados pelo judaísmo americano, os judeus passam a experimentar um novo estilo de vida. Adquiriram nos países modernos democráticos plenos direitos como cidadãos, apesar do antissemitismo velado, sendo-lhes concedida a manutenção e preservação de sua singularidade cultural e religiosa. Nesse novo contexto, abriu-se para esses judeus a possibilidade – e não são poucos os que quiseram – de assimilar-se cultural e socialmente e, sobretudo, de imprimir uma nova identidade coletiva. Dado o afastamento ocorrido com o enfraquecimento das raízes culturais judaicas entre os imigrantes e o aumento dos casamentos interétnicos (mistos), o número de judeus diminuiu consideravelmente fora de Israel, e particularmente em alguns países.

³⁰ Sabra – do hebraico, fruta espinhosa por fora e tenra por dentro e nome designado para aqueles que nascerem no Estado de Israel.

Nessa realidade em que judeus e não judeus convivem lado a lado, as línguas judaicas que perduraram durante centenas de anos como línguas de criatividade cultural e como instrumentos de comunicação diminuíram e se desgastaram³¹. O Inglês tornou-se a língua franca no mundo atual e imprimiu de forma marcante sua influência tanto em Israel como no mundo judaico. Somados aos judeus dos Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, Austrália e Nova Zelândia, que representam 50% do total dos judeus de todo o mundo, é notável o número de intelectuais judeus de outros países e, sobretudo, cidadãos israelenses provenientes de todas as camadas sociais que falam e estudam inglês com fins acadêmicos e profissionais desde o jardim de infância até a Universidade. De fato, em Israel a língua inglesa adquiriu, embora não oficialmente, um status extremamente poderoso como segunda língua, e vem influenciando de forma significativa a língua hebraica. Cabe lembrar, entretanto, que mesmo sendo o inglês a língua franca e hegemônica no mundo, esta não é reconhecida como uma língua judaica. Este lugar paradoxalmente é reservado à língua hebraica.

Após ter sido ensinada na diáspora, quer seja como língua sagrada ou literária em instituições religiosas ou laicas sionistas e não sionistas, e após a criação do Estado de Israel, a língua hebraica passou a ser adotada em todas as instituições judaicas do mundo como a principal língua judaica e passou a ser ensinada segundo o padrão de língua hebraico-israelense dominante em Israel. Este também é o hebraico ensinado nas diversas universidades em torno do mundo nos departamentos de Estudos Judaicos e ainda é estudado e ensinado nas instituições do Chabad³², que adotou a língua hebraica como língua de comunicação por seus missionários, tanto em Israel como na diáspora. Cabe mencionar ainda o uso da língua hebraica nas orações das sinagogas, em cerimônias das comunidades referentes a datas ligadas ao calendário judaico ou eventos cívicos do Estado de Israel, bem como nos festivais de filmes israelenses.

³¹ FISHMAN, J. A. (Ed). *Readings in the Sociology of Jewish Languages*. Amsterdam: Brill, 1985.

³² Sigla para denominar a instituição ortodoxa hassídica espalhada em todo o mundo e que se tornou a potência oculta do judaísmo mundial na atualidade.

Embora a língua hebraica israelense seja considerada a principal língua judaica na atualidade³³, o conhecimento da língua hebraica no mundo judaico é fraco. Entre os que apresentam um conhecimento maior, geralmente encontramos rabinos, ativistas de instituições comunitárias, jovens que passaram por escolas judaicas, movimentos juvenis ou que frequentaram os diversos programas oferecidos pela Agencia Judaica, ou ainda pessoas que permaneceram certo tempo em Israel.

O segmento que vem contribuindo de forma significativa com a presença da língua hebraica na diáspora é, sobretudo, o da “diáspora israelense”, sendo esta uma parte integrante do judaísmo mundial atualmente. Este grupo fala o Hebraico como os demais israelenses, porém seus filhos não necessariamente dominam a língua. O grupo majoritário não israelense e não ortodoxo contenta-se com palavras e expressões hebraicas retiradas da cultura judaica e, quando necessário, expressa seu judaísmo em uma língua estrangeira.

De forma paradoxal, o segmento que tem melhor conhecimento da língua hebraica é justamente o dos *charedim* – judeus ultraortodoxos, que, em sua maioria, têm uma visão crítica do Estado de Israel. Este grupo argumenta em favor da preservação do iídiche como língua de comunicação e em favor de adotar o Inglês, Francês ou Russo como língua oficial para facilitar o relacionamento de Israel com o mundo não judaico. Atualmente, porém, a língua sagrada estudada nesses segmentos religiosos aproxima-se cada vez mais da língua hebraica falada pelos que vivem em Israel, e tem sido usada de forma recorrente pelos grupos ortodoxos que, na condição de turistas que visitam Israel, estudam nas *Yeshivot*³⁴ de Jerusalém ou de *Bnei Brak* (Ben Rafael, 1994).

³³ Este fato não exclui as demais línguas judaicas como, por exemplo, o lídiche que permanece em uso em comunidades ortodoxas como língua de comunicação diária. Ou mesmo, o Ladino, preservado em círculos judaicos em diferentes partes do mundo. Entretanto, o mapa linguístico do mundo judaico mostra a superioridade determinante do hebraico-israelense como língua judaica.

³⁴ No plural (*yeshivot*), do hebraico “ato de sentar”. Colégio Talmúdico para estudantes solteiros desde a puberdade até aproximadamente os 20 anos. Os casados após estudarem na *Yeshiva* podem seguir seus estudos religiosos num “*Kolel*”. As *Yeshivot* se originaram das academias da Palestina e da Babilônia, nos primeiros séculos da era cristã, e as mais contemporâneas têm como modelo as *Yeshivot* lituanas do século XIX e início do XX.

Para Ben Rafael (2007, p. 19), o status adquirido pela língua hebraica no mundo judaico deve ser atribuído, sobretudo, à relação paradoxal que se estabeleceu entre Israel e a atual diáspora. Segundo este autor, o conceito que melhor explica esta relação é o da “Diáspora Transnacional”³⁵, que atualmente se aplica a vários outros grupos igualmente espalhados pelo mundo. Nesse contexto a língua hebraica passou a desempenhar uma função exclusiva e peculiar entre o “povo judeu”. Já há vários anos os judeus em Israel representam uma parte importante do judaísmo mundial. Atualmente, os judeus de Israel, com seus 5,5 milhões, representam numericamente a maior concentração de judeus do mundo, superior aos 5,2 milhões que moram nos Estados Unidos³⁶. Sob este aspecto, a relação que se mantinha com Israel e com os judeus de Israel não depende mais do sionismo, mas da própria existência do Estado de Israel. Criou-se uma solidariedade coletiva entre a diáspora e Israel, que pode ser definida como a totalidade do “povo judeu”.

É precisamente esta relação que torna a função da língua hebraica na atual realidade judaica na diáspora complexa e multifacetada. Por um lado, o permanente apoio oferecido pelos judeus da diáspora a Israel e suas instituições cria uma dependência com a diáspora. Por outro lado, Israel ocupa um lugar significativo na vida judaica da diáspora considerado central na abordagem, no interesse e na ligação da existência coletiva judaica na atualidade. Essencialmente, a natureza dessa relação poderia ser definida como um círculo em permanente estado de mudanças.

Bibliografia

A TORAH VIVA. *O Pentateuco e as Haftarat por Rabino Aryeh Kaplan*. Tradução de Adolpho Wasserman. São Paulo: Editora Maayanot, 2011.

35 Referimo-nos ao conceito sociológico cunhado como “Diáspora - Transnacional” em que um grupo de origem determinada, apesar de encontrar-se espalhado por várias regiões no mundo, preserva sua origem coletiva de pátria histórica.

³⁶ Segundo o recenseamento do ano de 2003 realizado nos Estados Unidos e segundo os dados de Sergio della Pergola (apud, Ben Rafael, 2007, p. 20).

AGNON, S.I. *La Lengua Sagrada como um Idioma Escrito*, em Ariel Revista de Artes Y Ciencias de Israel, número 19 (1970), pp. 17-21.

ALEXANDER, Frida. *Fillippson*. São Paulo: Ed. Fulgor, 1967.

AUSUBEL Nathan. *Conhecimento Judaico*. Rio de Janeiro: Editora Tradição S.A., 1967.

BACK, Leon. *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul*, em Enciclopédia Rio-Grandense, Vol. IV. Canoas: Ed. Reg. Ltda, 1958.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. *Identidade; entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

NAVA, Nevo; OLSHTAIN, Elite.(Orgs). *The Hebrew Language in the Era of Globalization*. Jerusalem: Magnes Press, 2007.

BEN-RAFAEL, Eliezer. *Identity and Language in Transnational Diasporas: New Horizons for Hebrew*. em NEVO, Nava; OLSHTAIN, Elite (eds.). *The Hebrew Language in the Era of Globalization*. Jerusalem: The Hebrew University Magnes Press, 2007, pp. 15 a 25.

_____. *Language, Identity and Social Division: the Case of Israel*. Oxford: University Press (Clarendon), 1994.

BERLIN, Isaiah. *A força das idéias*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

DUBNOV, Simon. *História Judaica*. Versão Portuguesa de Ruth e Henrique Iussim. Buenos Aires: Editora S. Sigal , 1953.

FALBEL, Nachman. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo: Fiesp, 1984.

_____. *Comunidade judaica de São Paulo: Diálogos nos Anos 40*. Centro Cultural São Paulo de 22 de novembro a 16 de Dezembro de 1990. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

_____. *Judeus no Brasil*. Estudos e Notas, EDUSP. São Paulo: Humanitas, 2008, pp. 335- 367.

_____. *A Imigração judaica no Brasil no século XX*. Revista de Estudos Judaicos – Ano 1, nº.1, Belo Horizonte: Instituto Histórico Israelita Mineiro, 1998.

- _____. *David Jose Perez: uma biografia*. Rio de Janeiro: Gramond, 2005.
- FERGUSON, C.F. 'Diglossia' em *World* 15 (1959), pp. 325-340.
- FISHLER, Ben-Zion. *Estudos Judaicos na Diáspora*. São Paulo: Editora B'nei B'rith, 1970.
- GUINSBURG, J. *Guia Histórico da Literatura Hebraica*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1977.
- _____. *Aventuras de uma Língua Errante: ensaios de literatura e teatro Ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____. *O Ídiche no Brasil*, em Edelyn Schweidson. (Org.). *Memórias e Cinzas*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 225-230.
- _____. *Uma língua – Passaporte: O Ídiche*, em Revista Espaço Acadêmico, São Paulo, n. 37 (junho de 2004).
- HARRIS, T.K. *Death of a Language; History of Judeo-Spanish*. Newark: University of Delaware Press, 1994.
- HERZL, Theodor. *Der Judenstaat: Versuch einer modernen Losung der Judenfrage*. Leipzig – Wien: Bretitenstein, 1896.
- KUTSCHER, E. Y. *A history of the hebrew language*. Jerusalem: Magnes Press, 1982.
- LIPNER, Elias. *O tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Portugal*. São Paulo: Pioneiras, 1966.
- Programa de pós-graduação em estudos da linguagem. Vol. 12, número 1, 2006, p. 21 a 46.
- MEDAN, Meir. *La Academia de la Lengua Hebrea*, em Ariel Revista de Artes y Ciências de Israel. Jerusalém, n. 19, 1970, p. 38-45.
- MELMAN, Charles. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Tradução de Rosane Pereira. São Paulo: Escuta, 1992.
- MIREILLE. Hadas-Lebel. *L'HEBREU: 3000 ans d'histoire*. Paris : Albin Michel, 1992.
- MOSS, Kenneth B. *Imperativos da "cultura" no nacionalismo e socialismo judaicos da Europa Oriental*. Web Mosaica revista do instituto cultural Marc Chagall, V.2, No. 2 (2010).
- MYHILL, John. *Language in Jewish Society: Towards a New Understanding*. Great Britain: Cromwell Press Ltd, 2004.

- NACHBIN, Jacob. *Idische Folkzeitung*. Rio de Janeiro, 1928.
- PAGUIS, Dan. *A Linguistic Problem*, em *The Hebrew Language in the Era of Globalization*. Jerusalem: The Hebrew University Magnes Press, 2007.
- RABIN, Chaim. *Investigação sobre a Língua Hebraica*. Coletânea de artigos sobre a língua hebraica e sua revitalização. (Hebraico: _____, _____) Moshe Bar Asher e Barak Dan [org]. Jerusalém: Academia da Língua Hebraica, Mossad Bialik, 1997, pp. 359-390.
- _____. *Pequena História da Língua Hebraica*. Tradução de Rivka Berezin. (Hebraico: _____). São Paulo: Summus Editorial Ltda. 1973.
- _____. *El renacimiento de la Lengua Hebrea*, em *Ariel Revista de Artes y Ciencias de Israel*, Jerusalém, no. 19 (1970), pp. 22- 32.
- RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança*. São Paulo, Ática, 1977, pp. 15-20.
- ROTH, Cecil. *Pequena História do Povo Judeu*. São Paulo: Fundação Fritz Pinkuss, 1962.
- SHAVIT, Zohar. *The Hebraization Project*, em XI congress of the European Association for Jewish Studies (EAJS). Ravenna (Italy), Julho de 2010.
- SIVAN, Reuvén. *Ben Yehuda y el Renacimiento de la Lengua Hebrea*, em *Ariel Revista de Artes y Ciencias de Israel*, Jerusalém, nº. 19 (1970), pp. 33-37.
- SZUCHMAN, Esther. *Identificação / Identidade na Condição Judaica*. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- TORAH. *A Lei de Moisés*. Tradução, explicações e comentários de Meir Matzliach Melamed. São Paulo: Editora Sefer, 2001.
- WEINREICH, M. *Story of the Ydish Language*. Translated by S. Noble. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- ZUCHERMAN, G. *Language Contact and Lexical Enrichment in Israeli Hebrew*. New York: Macmillan, 2003.